

Reflexões sobre a influência da língua materna Kaingang no aprendizado do Português como segunda língua

Reflections on the influence of the mother tongue in Kaingang learning Portuguese as a second language

Ludoviko Carnasciali dos Santos¹

Valéria Cristina Leite Baccili²

RESUMO: Este artigo visa a apresentar os resultados de análise de parte dos dados coletados para a elaboração da dissertação de mestrado, desenvolvida pela autora deste artigo junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina. Os dados coletados são provenientes da escola bilíngüe Luiz Penky Pereira, localizada na Terra Indígena Apucarantina, que está situada no município de Leroville, distante 80 quilômetros de Londrina. O objetivo do estudo é a verificação de possíveis interferências da língua materna Kaingang no aprendizado do Português como segunda língua. A teoria que permeia o estudo é a Lingüística Contrastiva, com os Modelos de Análise de Erros e Análise de Interlíngua.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Contrastiva. Análise de Erros. Interlíngua.

ABSTRACT: This article aims to present the results of the analysis of part of the data collected for the making of the mastering project of one of the authors above, which is developed at the Programa de Pós-Graduação of Universidade Estadual de Londrina. The data was collected at the bilingual school Luiz Pénky Pereira, which is located at the indigenous area of Apucarantina, in Leroville, 80 kilometers far from Londrina. The objective of this work is to verify possible influences of the mother tongue Kaingang in the learning process of Portuguese as a second language. The theory adopted to guide this study is the Contrastive Linguistics through the Models of Error Analysis and Interlanguage Analysis.

KEYWORDS: Contrastive linguistics. Error analysis. Interlanguage.

¹ UEL

² UEL

Introdução

O Brasil possui uma diversidade étnica bastante grande. Dentre os vários grupos nele existentes encontramos os povos indígenas os quais ocuparam desde sempre as terras do Brasil e que atualmente trabalham para ter sua autonomia lingüística respeitada e seus territórios protegidos. Estes territórios são denominados Terras Indígenas (TI) e estão distribuídos de norte a sul do país. Segundo o Instituto sócio-ambiental:

O Brasil tem uma extensão territorial de 851.196.500 hectares, ou seja, 8.511.965 km². As terras indígenas (TIs) somam 593 áreas, ocupando uma extensão total de 108.429.222 hectares (1.067.695km²). Assim, 12,54% das terras do país são reservados aos povos indígenas. A maior parte das TIs concentra-se na Amazônia Legal: são 405 áreas, 103.483.167 hectares, representando 20,67% do território amazônico e 98,61% da extensão de todas as TIs do país. O restante, 1,39%, espalha-se pelas regiões Nordeste, Sudeste, Sul e estado do Mato Grosso do Sul. (ISA, 2007).

O grupo indígena estudado especificamente neste trabalho é o Kaingang, grupo cuja língua pertence ao tronco lingüístico Jê. Segundo o Instituto sócio-ambiental

Estima-se hoje uma população kaingang de 25.875 pessoas vivendo em 32 Terras Indígenas (Funasa, 2003). No entanto, verifica-se a presença de famílias vivendo nas zonas urbanas e rurais próximas às TIs. ... Na zona rural a presença kaingang se dá por unidades familiares ou individualmente, que, pela impossibilidade (econômica ou política) de viverem nas TIs, passaram a viver como trabalhadores não qualificados em fazendas e sítios das regiões próximas às aldeias. Se computadas todas essas famílias, o contingente populacional kaingang poderá chegar a 30 mil. (ISA, 2007).

O foco deste estudo está na TI registrada sob no. 05, denominada Apucarantina, localizada próxima a Londrina-PR. Ela possui uma escola bilíngüe Kaingang-Português, cujos professores são em sua maioria índios. O interesse acadêmico para este trabalho advém do fato de existirem essas escolas e não haverem estudos baseados no Modelo de Análise de Erros sobre

Kaingang/Português que sirvam de base para um melhor aproveitamento dos métodos de ensino bilíngüe.

Sabe-se que lingüistas têm estudado a língua Kaingang em si, mas seu processo de letramento e a introdução da escrita na educação escolar foram pouco estudados. Como conseqüência, as dificuldades enfrentadas pelos alunos Kaingang para aprender sua própria língua e também sua segunda língua, o Português tem sido negligenciado.

Neste sentido, este trabalho visa a abordar o aprendizado da segunda língua pelos Kaingang, segundo a luz do Modelo de Análise de Erros, e contrastar a sintaxe da Língua Kaingang com a Sintaxe da Língua Portuguesa, no intuito de verificar o quanto da língua materna está inserida na escrita da segunda língua.

Metodologia

Os dados que compõem o *corpus* deste estudo são formados por um total de 250 redações escritas em Português pelos alunos das 2^a, 3^a. e 4^a. séries e dos alunos da classe de Transição do Ensino Fundamental. A idade destes alunos é como se segue: 2^a. série oito anos, Transição nove anos, 3^a. série 10 anos e 4^a. série 11 anos. Todos são alunos índios da escola Luiz Pénky Pereira, situada na aldeia indígena do Apucaraninha. As redações foram produzidas pelos alunos dessa escola durante o ano letivo de 2006.

A 2^a série e a classe Transição possuem professores índios, as 3^a e 4^a séries possuem professores não índios. A escola determina que o aprendizado de português siga oficialmente uma divisão etária, ou seja, não seria a partir de seu ingresso na escola que os alunos passariam a aprender a segunda língua. As 1^a. e 2^a. séries seriam as classes nas quais os alunos seriam alfabetizados apenas em kaingang. Ao término dessas, eles passariam a cursar a classe Transição, na qual eles teriam iniciado a alfabetização em português. Esse processo de alfabetização teria continuidade nas 3^a. e 4^a. séries. O que ocorre extra-oficialmente nessa escola é o aprendizado do português ser concomitante

ao do kaingang, ou seja, as crianças estão sendo alfabetizadas em português ao mesmo tempo em que estão sendo alfabetizadas em kaingang.

Na maior parte do dia, as crianças falam apenas kaingang, e é importante ressaltar que os aprendizes têm um contato com o português bastante escasso, pois apesar de residirem a poucos quilômetros da cidade de Leroville, passam a maior parte do tempo na aldeia o que os leva a utilizar quase exclusivamente a língua materna para comunicação, ficando restrito o uso do português à sala de aula, ou aos poucos momentos em que vão à cidade mais próxima.

Para a execução do estudo foi pedido aos professores que coletassem as redações produzidas em sala de aula para que as mesmas fossem compiladas. Num primeiro momento, os professores recolhiam as redações e as corrigiam para depois serem entregues para o estudo. Foi necessário esclarecer às mesmas que o foco de interesse era o erro produzido pelas crianças, para que os professores passassem a entregar as redações da maneira como tivessem sido escritas na sala de aula e sem correções.

As redações componentes do *corpus* deste trabalho são provenientes de crianças em situação de línguas em contato, línguas em contato influenciam umas as outras, podendo haver entre elas empréstimos ou transferências, as quais podem ser positivas ou negativas.

Verificamos os erros presentes nas sentenças extraídas das redações e ao contrastarmos o kaingang com o português, verificamos se deparar-nos-íamos com transferência positiva ou negativa ou nenhuma interferência da LM (língua materna) na LE (língua estrangeira).

As redações coletadas na aldeia correspondem aos seguintes temas e quantidades:

Classe	Tema	Quantidade de redações
2ª série	A pesca	20
3ª série	O jogo do Brasil	14
	O coelho e a onça	24
	O rio	20

4ª série	A cachoeira	18
	Minhas férias	18
	O balaio	30
	O jacaré	30
Transição	O jacaré	20
	O balaio	26
	O coelho e a onça	30
Total	-	250

Tabela 1: Redações

Foram encontrados os seguintes tipos de erros nas 250 redações:

TIPO	QUANTIDADE TOTAL DE ERROS
Advérbio tempo errado	2
Advérbio e preposição	16
Artigo e pronome demonstrativo	1
Ausência de artigo	9
Ausência de elemento	3
Ausência de preposição	21
Ausência de verbo	8
Concordância nominal - número	41
Concordância nominal - gênero	63
Conjugação	117
Inversão advérbio objeto	4
Inversão do sujeito	1
Inversão objeto verbo	2
Inversão substantivo e advérbio	1
Pluralização do verbo	17
Preposição e artigo juntos	3
Preposição e morfema	5
Pronome	1
Repetição e deslocamento do sujeito	4

Repetição do objeto	4
Repetição do verbo	1
Troca de preposição	3

Tabela 2: Erros Sintáticos

Como pode ser observado na tabela acima, existem diferentes quantidades de erros encontrados nas redações. Isto gerou a necessidade de limitarmos a verificação a apenas os erros cuja frequência fosse igual ou superior a cinco. Assim, foram selecionados a princípio, os seguintes erros devido a sua frequência:

Advérbio e preposição	16/250
Ausência de artigo	9/250
Ausência de preposição.	16/250
Ausência de Verbo.	8/250
Concordância nominal: número.	41/250
Concordância nominal: gênero.	63/250
Conjugação.	117/250
Pluralização do verbo.	17/250
Preposição e morfema.	5/250

Cada erro encontrado nas redações em português teve sua sintaxe analisada para a posterior comparação dessa sintaxe com a sintaxe kaingang, no sentido de verificar se a língua materna, o kaingang, influenciava o aprendizado da segunda língua, o português, ou se os erros produzidos pelas crianças eram oriundos do aprendizado de uma variante não padrão da Língua Portuguesa. Dentre os erros classificados acima, foram selecionados cinco devido à brevidade do artigo em questão.

Análise dos Dados

Advérbio e Preposição (16/250)

Nas redações encontramos 16 erros do tipo Advérbio e preposição, dos quais serão exemplificados três.

1. "O meu pai foi pesca lano rio a noite"
2. "e tem muto laen casa"
3. "E eu entrei na naquela mar"

A língua portuguesa expressa localização através do uso de uma locução adverbial que se forma com uma preposição e um substantivo ou através de um advérbio de lugar, como LÁ, AQUI. Conforme Cunha (1971):

Quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste, forma com ele uma Locução adverbial: de dentro, por trás, etc. Se, ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio, ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro se transforma numa Locução prepositiva: dentro de, por detrás de, etc. (CUNHA, 1971).

Em Português, os advérbios de lugar podem ser colocados antes ou depois do verbo.

Nas redações percebemos que há a compreensão da correta posição do advérbio na sentença em português, ou seja, nestes casos após o verbo, mas o aprendiz considera como um único morfema um advérbio seguido de uma preposição LANO, LAEN, NA NAQUELA. Faz-se necessário saber como a língua kaingang utiliza seus advérbios de lugar, ou ainda, se a mesma possui advérbios de lugar, e qual a relação estabelecida por eles com a preposição, caso esta categoria gramatical exista em Kaingang.

Segundo Wiesemann:

Os indicadores de circunstância, preposições em Português, sempre seguem o substantivo ou a frase que eles modificam. Por isso são chamados de posposições. Muitos deles podem ser combinados com verbos para criar verbetes novos. Neste caso eles precedem o verbo. (Wiesemann, 2002, p.158)

Dentre a lista de posposições apresentada por Wiesemann (2002), encontramos:

Kaingang	Português
----------	-----------

Kã ra	Na direção de
ki	Em, aqui
tá	lá

Quadro 1: Posposições Kaingang

Segundo Henry (1948), o Kaingang possui as posposições locativas *ka* e *ki* as quais são geralmente utilizadas sozinhas, ou seja, não adicionadas a morfemas, e podem ser traduzidas como *lá* e *aqui*. Essa informação é ligeiramente diferente da encontrada em Wiesemann (2002), que sugere ser *LÁ* *kã ra*. Segundo Wiesemann (2002), o kaingang possui duas posposições equivalentes ao *LÁ*, que são *hũ* (circunstância) e *tá* (indicador de circunstância). Quanto à posposição *AQUI*, Wiesemann (2002) apresenta, assim como Henry (1948) *ki* (indicador de circunstância).

E Wiesemann (2002) esclarece que:

Circunstâncias são substantivos ou construções substantivas seguidas por um indicador de circunstância. Pode ocorrer em qualquer lugar precedendo o objeto, não pode intervir entre objeto-predicado-modo-(sujeito)-aspecto.

În krêm = embaixo da casa. (ibid., p.170)

Vemos que a utilização de advérbio em kaingang e em português é muito distinta, e percebemos também que enquanto o português utiliza preposições, o kaingang utiliza posposições.

Os quadros comparativos a seguir, explanam com maior clareza a diferença entre o Português e o kaingang quanto ao uso do advérbio de lugar e de seus indicadores.

Advérbio de Lugar	Português	Kaingang
Posição com relação ao verbo	Antes ou depois	antes

Quadro 2: Advérbio

O próximo quadro explica sobre os indicadores.

	Português	Kaingang
--	-----------	----------

preposição	há	Não há.
posposição	Não há	há

Quadro 3: Indicadores

Podemos perceber que não é a sintaxe do Kaingang que influencia os aprendizes de Português neste tipo de erro, pois as crianças não mudam de posição os indicadores, ou seja, não trocam as preposições por posposições. Eles agruparam o advérbio com a preposição como se fosse um único morfema, dando indicações de uma transferência de língua oral para língua escrita. Isto no leva a concluir que, neste caso de erro, o mesmo é oriundo da própria Língua Portuguesa, da qual o aprendiz não consegue segmentar o advérbio de uma preposição.

Ausência de Artigo (9/250)

De um grupo de nove sentenças que apresentaram ausência de artigo, selecionamos três.

4. "mas ___ caçadores assustavam"
5. "o coelho xuto ___ perna dele"
6. "Eu vi ___ rio"

O português utiliza o artigo precedendo seus substantivos, como verificamos nas sentenças 7 e 8.

7. O balaio é bonito.
8. O menino vendeu os balaies.

Nenhuma obra a respeito da Língua Kaingang apresentou a categoria Artigo, o que nos leva a inferir que o kaingang não possui essa categoria gramatical. Isto pode ser comprovado pelas sentenças extraídas da Cartilha Kaingang 1 (1977):

Něně	vỹ	ẽmĩ	nĩ.
Nenê	marcador de suj.	pão	ter.
O nenê tem pão.			

Někanh	ẽmĩ	vỹ	nĩ.
Někanh	pão	marcador de suj.	está ali.
O pão de Někahn está ali			

O quadro a seguir trás a comparação entre o português e o kaingang.

	Português	Kaingang
Artigo	Antes do substantivo.	Não há

Quadro 4: Artigo

Percebemos que, em nenhuma das sentenças Kaingang exemplificadas anteriormente aparece o artigo, o que leva o aprendiz a não utilizar este artigo em Português, como nas sentenças 4, 5 e 6. Isto se caracteriza como uma transferência negativa do kaingang para o português, ou seja, a transferência na qual o aprendiz leva a sintaxe de sua língua materna para a da segunda língua, tendo como consequência produções errôneas na segunda língua.

Preposição e Morfema (5/250)

A língua portuguesa utiliza a preposição DE como uma palavra funcional, a qual é utilizada para expressar posse ou origem, como vemos nas sentenças 9 e 10 abaixo:

9. Este livro é de José.

10. José é de São Paulo.

O kaingang não utiliza preposição ou posposição para indicar posse, ele o faz através da ordem dos constituintes desta estrutura, que é possuidor-possuído. Segundo Wiesemann (2002),

As construções possessivas contêm a designação do possuidor e do objeto possuído, que ocorrem nesta mesma ordem. O possessor simples é um pronome ou um substantivo independente, o objeto possuído pode ser qualquer substantivo, seja dependente, seja independente. Existem, no entanto alguns substantivos que não podem ser possuídos como os elementos da natureza (sol, lua, estrelas, etc.).

Os possuidores podem eles mesmos ser construções possessivas, aumentando a complexidade.

Ti kósín

Dele filho

"o filho dele" (ibid., p. 172).

Nas redações deparamo-nos com as seguintes sentenças que utilizaram a preposição de erroneamente, ou seja, sem a necessidade de ser empregada.

11. "ela gosta de vender de balaio"
12. "O balaio da vovó é muito de bonita"
13. "E o meu pai me ensinou de fazer balaio"

Segundo Gonçalves, não há uma relação de posse expressa pela preposição de, como em português. Ela afirma:

Nossa hipótese é que a preposição 'de' não é uma palavra funcional ou uma preposição em Kaingang, porque no genitivo não há mudança, não há emprego da preposição do Português como pudemos verificar em Paulino Sales Kósin "filho de Paulino Sales". Outro fator que corrobora essa hipótese é quando no uso de datas, não há fracionamento da expressão separando 'dia X de' e depois o mês ou ano.

As sentenças de 11 a 13 nos demonstram uma utilização não correta da preposição "de", o que confirma a hipótese de Gonçalves sobre ser para os Kaingang a preposição 'de' do português não funcional, ou seja, eles a usam para formar um morfema, na posição de prefixo, e transferem esta regra para várias utilizações sem serem corretas estas utilizações. Nas sentenças citadas acima, eles formaram substantivos em 11 e 12, e formaram o verbo da oração subordinada "... de fazer balaio". Este é um caso de transferência negativa, na qual a existência de uma estrutura em segunda língua, totalmente diferente da estrutura da língua materna, gera em segunda língua, a produção errônea.

Ausência de Verbo (8/250)

Na língua portuguesa, segundo Cunha (1971):

Denominam-se AUXILIARES os verbos que, desprovidos total ou parcialmente da acepção própria, se juntam a outro verbo, ao qual emprestam matizes significativas especiais. (op. cit., p. 182)

Nas duas sentenças selecionadas de um total de oito sentenças retiradas das redações dos aprendizes, faltam verbos auxiliares que são indicadores de aspecto contínuo como podemos verificar nas sentenças 14 e 15.

14. "a menina___ tomando banho no cachoeira" (estava)

15. "eu muito _____ chorando muito" (estava)

O kaingang não utiliza verbos auxiliares para indicar o aspecto contínuo, mas sim partículas indicadoras de aspecto. De acordo com Wiesemann, (2002) "Os indicadores de aspecto terminam a oração mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião." (op. cit., p. 169)

O quadro a seguir demonstra a diferença de formação de sentenças com o aspecto contínuo em português e em kaingang.

	Português	Kaingang
Aspecto contínuo	Verbo auxiliar + verbo principal	Verbo principal + indicador de aspecto

Quadro 5: Aspecto Contínuo

Podemos perceber que as diferenças entre a estrutura sintática do português e a do kaingang geram o erro de falta de verbos auxiliares em português, pois o aprendiz, ao basear-se em sua língua materna não utiliza o verbo auxiliar, porque o mesmo não existe em kaingang. Ele deixa vazia a posição do indicador de aspecto, porque esta não existe em Língua Portuguesa; a produção final é então o resultado de uma transferência negativa.

Conclusão

Pudemos verificar, neste breve trabalho, que os erros cometidos pelos alunos Kaingang aprendizes de Português foram de dois tipos: a transferência negativa e o erro causado pela própria LE a qual os alunos estão expostos.

A) São causados pela transferência negativa do Kaingang para o Português os seguintes erros:

- Ausência de Artigo;
- Preposição + morfema;
- Ausência de verbo .

Nestes casos, a total diferença entre a LM e a LE fez com que os aprendizes da LE utilizassem a sua LM como regra para a produção das estruturas acima mencionadas.

B) É causado pela influência da própria LE o seguinte erro:

- Advérbio + preposição.

Neste caso, é a exposição a uma variante da LE que fez com que os aprendizes produzissem erros, pois para o aprendiz o falante nativo é detentor do conhecimento sobre sua língua, ou seja, um modelo a ser seguido.

Pudemos verificar que a maior parte dos erros encontrados nas redações das crianças Kaingang são erros gerados pela transferência negativa da LM para a LE. Os exemplos de erros encontrados neste trabalho reforçam a idéia de que a LM influencia o aprendizado da LE provando que o aprendiz de LE tem como ponto de partida a sua LM. Pudemos verificar também, que o processo de aprendizagem é fator de influência na produção do aprendiz e que a maneira como se é ensinada a LE é fundamental para o processo de aquisição da LE, pois uma regra mal compreendida gera produções errôneas desta regra.

Referências

BIGONJAL-BRAGGIO, Sílvia Lucia. Aquisição e Uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *ABRALIN – Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, Maceió, vol. 1, no. 20, 139-172. jan. 1997.

BORBA, Francisco da S. *Pequeno vocabulário de Lingüística Moderna*. 2. ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1976.132 p.

CORDER, S. PIT La importancia de los errores del que aprende una lengua segunda. *IRAL*, vol. V, 4, 32-40, 1967. Trad. do original em inglês The significance of learners errors. 161-170. Traduzido por J. Muñoz Licerias.

The Study of learner's language: error analysis. In: *Introducing Applied Linguistics*. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1973. p. 256-294.

Idiosyncratic Dialects and Error Analysis. In: RICHARDS, Jack C. *Error Analysis. Perspectives on Second Language Acquisition*. Longman, 1974 , p.158-171.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del Lenguaje Y Lingüística General*. Cinco Estudios. Madrid, Biblioteca Românica Hispânica. Editorial Gredos, 1962. 323 p.

CUNHA, Celso, *Gramática Moderna*. 3.ed. Belo Horizonte Editora Bernardo Álvares S.A. 1971. 302 p.

DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1970.146 p.

DURÃO, Adja B. de A. B. *Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2.ed. Londrina – Eduel, 2004. 362 p.

La interlengua. Madrid. Arco/Libros, S.L. ,2007. 94 p.

GONÇALVES, Solange Ap. *Línguas em contato: Português e Kaingang no Rio Grande do Sul. Uma breve discussão*. Biblioteca Virtual da Unicamp. Disponível em: < <http://www.unicamp.br> > Acesso em: 25 maio 2007.

HENRY, Jules. The Kaingang Language. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, vol. 14, 3 194-204 Jul, 1948.

INSTITUTO SOCIO AMBIENTAL ISA. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 25 junho 2007.

LADO, R. La necesidad de una comparación sistemática de lenguas y culturas. In: *Lingüística Contrastiva; Lenguas y Culturas*. Ediciones Alcala, 1973. pp. 1-9. Trad. Por J. A. Fernández.

NEMSER, W. Los sistemas aproximados de los que aprenden lenguas segundas. *IRAL*. vol. 9, no. 2, 51-61. Trad. Do original em inglês Approximative systems of foreign language learners.115-123, 1971.

ODLIN, T. Earlier Thinking on Transfer. In: ODLIN, T. *Language Transfer. Cross-linguistics influence in language learning*. Cambridge/New York/ Melbourne, Cambridge University Press, 1989. p. 6-24.

Preti, Dino. *Sociolingüística: Os Níveis de Fala: um Estudo Sociolingüístico do Diálogo na Literatura Brasileira*. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.1994

SELINKER, L. *Interlanguage IRAL* vol.10, 3, p. 80-101. Trad. Do original em inglês *Interlanguage*.219-231, 1972.

VEZ JEREMÍAS, José Manuel (2004) Aportaciones de la Lingüística Contrastiva. In SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, T; *Vademécum para la formación de profesores*. Enseñar español como segunda lengua (L2/ lengua extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004.

WARDHAUGH, R. La hipótesis del análisis contrastive. *TESOL Quarterly*, 4, p. 42-49 .Trad. do texto em inglês *The contrastive analysis hypothesis* 123-136. 1970.

WIESEMANN, Ursula G. *Kaingang – Português Dicionário Bilingüe*. Curitiba Editora Evangélica Esperança, 2002. 175 p.